RESENHA . Dmitri Trenin. *Should we fear Russia?*  Cambridge, UK. Polity Press, 2016.

Dmitri Trenin é diretor do Carnegie Endowment – Moscou e autor conhecido por seu conhecimento e apurado senso analítico sobre a Rússia. *Should we fear Russia?* É seu último livro, publicado pouco antes da eleição de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos. Este último acontecimento, porém, com todas as incertezas trazidas durante a campanha eleitoral a respeito das simpatias do então candidato para com Putin e da histeria anti russa após sua eleição, não afeta sua ampla e ao mesmo tempo profunda análise das relações entre a Rússia e os Estados Unidos.

Em entrevista concedida a um jornal americano, Trenin diz que não gostou da expressão “Nós” do título do livro, porque mesmo sendo parte dos 20% dos russos que são partidários de uma política pró ocidental da Rússia, ele se considera russo e sua análise é feita a partir da consideração dos interesses da Rússia. Este é um ponto importante, pois, de forma geral, as análises das relações EUA e Rússia, feitas por pesquisadores e analistas ocidentais, tendem a não levar em conta esses interesses. O que não o impede de tecer críticas à política externa e, como se verá adiante, de fazer críticas severas ao sistema político doméstico russo.

O foco central do livro são as relações entre a Rússia e o Ocidente. Assumindo tratar-se de questão complexa, ele se dispõe a tratar dos temores que desperta a difundida “ameaça russa” de forma aprofundada. Uma resposta breve à pergunta que dá nome ao livro seria a de que os temores sobre a Rússia são datados e sem fundamento. Mas uma série de perigos que surgem nas relações entre esse país e o Ocidente não deve ser ignorada. A resposta correta, pois, seria a de que a Rússia não deveria ser temida, mas sim tratada com cuidado.

O livro se divide em quatro capítulos, além de uma introdução e uma conclusão. Na introdução ele refuta a tese de que o atual conflito que marca as relações entre a Rússia e o Ocidente sejam um retorno à guerra fria, considerando que estas relações estão tão más quanto no passado, mas em rumo próprio, distinto do que marcou a guerra fria. No centro de todas as razões para demonstração de sua tese, e com base no ex-diretor da CIA Robert Gates, “a arrogância, após o colapso [da URSS], de funcionários do governo americano, acadêmicos, empresários e políticos, em ditar à Rússia como conduzir seus negócios domésticos e internacionais (sem mencionar o impacto psicológico interno da queda precipitada de seu *status* como super potência) levou a um profundo e longo ressentimento e amargura” (pág. 10). Ainda, segundo Gates, “agindo tão rapidamente após o colapso da URSS para incorporar à OTAN tantos Estados antes por ela subjugados, foi um erro. A expansão da OTAN foi um ato político.....que ignorou o que os russos consideravam seus interesses vitais”(pág. 12). A reação russa se fez notar pela agressiva política exterior da Rússia, especialmente depois de 2014, com a crise política na Ucrânia. É esta política exterior que leva o autor a refutar um simples NÃO à pergunta título do livro, considerando que relações adversas com um grande poder, um grande poder militar, acarreta riscos e temores. Razão pela qual ele se dedicou a aprofundar a natureza desses temores, suas causas, suas raízes e sua racionalidade, afirmando que, conquanto a maioria desses temores precisam ser postos de lado, o desafio russo à ordem mundial dominada e liderada pelos EUA é real, sério e de longo prazo. O passo seguinte foi avaliar o desafio russo e como lidar com ele. Finalmente, analisou o que querem os próprios russos.

Os temores analisados são muitos e constituem o cerne do livro. Eles envolvem: o temor de um ressurgimento imperial da Rússia; o desejo de utilizar força militar, iniciado nos ano 1990 e 2000 no norte do Cáucaso, na Geórgia em 2008 e no controle da Criméia, a restauração do seu poderio militar e a incursão militar na Síria em 2015, tudo levando a que a fraqueza militar da Rússia no período pós guerra fria tenha se tornado historia; a combinação de meios militares e não militares (guerra híbrida)em apoio a objetivos políticos, o que torna difícil acusar a Rússia de intervenção militar direta; a arma da energia, utilizada como instrumento de pressão política; a capacidade cibernética; a acusação aos EUA e à OTAN como ameaças à Rússia; a ameaça política russa à Europa; as cadentes esferas de influência russa; a utilização de russos nativos vivendo no exterior como “quinta-coluna” desestabilizadora; os agentes de influência no Ocidente; o autoritarismo e a “cleptocracia” russos ; a Rússia apartada de Europa ao invés de ser parte dela; e o tratamento da História.

 A conclusão a que chega é que a Rússia é autoritária e tem uma visão própria como grande potência. Mas seu autoritarismo é doméstico, não destinado à exportação. Seu sistema econômico dominantemente estatal não é um modelo a ser emulado por outros. Sua ideologia é nacionalista, não internacional; e sua capacidade de infiltração no Ocidente é muito modesta. Assim, o que o Ocidente deveria temer é a fraqueza da Rússia, não sua força. É muito pouco o que forças externas à Rússia podem fazer para afetar a dinâmica política interna russa; mas o Ocidente deve ter clareza sobre qual é o real desafio posto pela Rússia e encontrar um caminho construtivo para tratá-lo.

A identificação deste desafio passa por entender o que quer a Rússia. No entender do autor, a estratégia seguida pelo líder Putin tem dois objetivos: manter a Rússia integra e tornar-se ator indispensável à solução dos grandes problemas internacionais, plenamente soberano como unidade geopolítica, geoeconômica e cultural, potencial centro de atração para os vizinhos da Eurásia e parceiro de quem advoga uma ordem mundial multipolar.